

**Teses concluem ser impossível eliminá-los totalmente do ambiente doméstico**

# Colchões são abrigo preferido de ácaros

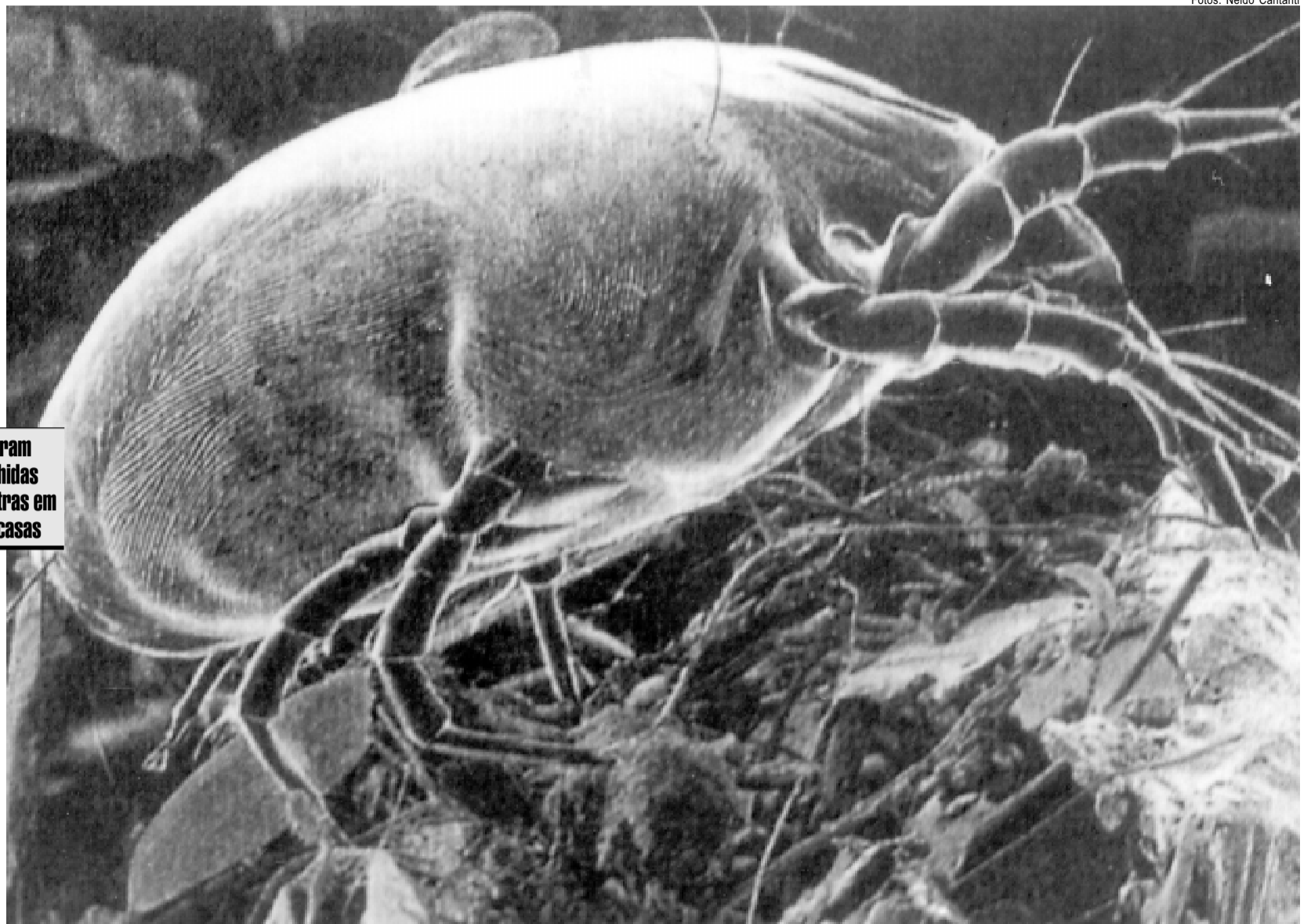
MANUEL ALVES FILHO  
manuel@reitoria.unicamp.br

O colchão, objeto com o qual as pessoas mantêm um contato mais prolongado no ambiente doméstico, é o local onde existe a maior concentração de ácaros em uma casa. A constatação faz parte de duas teses, uma de mestrado e outra de doutorado, defendidas recentemente na Unicamp. Os trabalhos concluíram, ainda, ser impossível livrar as residências desses animais microscópicos, responsáveis pelo surgimento ou agravamento de alergias respiratórias no homem. Segundo os pesquisadores, porém, é recomendável a adoção de práticas higiênicas capazes de reduzir a população desses parentes do carapato, minimizando assim os problemas de saúde que eles podem causar.

A bióloga Raquel Binotti e o médico Celso Henrique de Oliveira colheram amostras de poeira de 58 domicílios de Campinas para as suas teses de mestrado e doutorado, respectivamente. Ao analisarem o material, eles verificaram a presença de ácaros em todas as residências. O que mais chamou a atenção dos pesquisadores foi o fato de o colchão ser o “esconderijo” predileto dos acarídeos. “A concentração de ácaros na parte de baixo do colchão, que fica em contato com o estrado, é três vezes maior do que na de cima”, afirma Oliveira.

Em seguida, no ranking de preferência dos bichinhos, aparecem o sofá, o tapete, a despensa e a cortina. Em uma das residências pesquisadas, os autores das teses encontraram uma concentração de 40 mil ácaros por grama de poeira. De acordo com alguns estudos internacionais, a presença de 500 indivíduos por grama de poeira é suficiente para causar crise alérgica numa pessoa, com sintomas como a falta de ar. “A concentração de 100 ácaros por grama de poeira já é o bastante para provocar alergia, embora não gere crise”, esclarece Oliveira.

O médico lembra que cerca de 80% das alergias respiratórias estão relacionadas com esses acarídeos. Ele explica que os ácaros adoram poeira, umidade e ambientes pouco iluminados. Eles se alimentam normalmente de fungos e das escamas da pele humana. Uma pessoa adulta libera algo como cinco gramas de escamas por semana, um banquete e tanto para os bichinhos. Nas amostras de poeira analisadas, os pesquisadores identificaram 18



**Foram  
colhidas  
amostras em  
58 casas**

Imagem ampliada de ácaro: segundo pesquisadores, saída é tentar controlar a população com práticas higiênicas

tipos diferentes de ácaros.

Os mais comuns, conforme Raquel, foram o *Dermatophagoides pteronyssinus*, presente em 55% das casas, e o *Blomia tropicalis*, encontrado em 14% dos domicílios. A bióloga diz que são as fezes e as carcaças em decomposição desses animais que causam as alergias. Quando ficam em suspensão, são aspiradas pelas pessoas e acabam irritando as mucosas do nariz e da garganta. Em contato com o pulmão, provocam a asma brônquica, conhecida popularmente como bronquite.

**Precauções** – De acordo com os autores das teses, que foram orientadas pelo professor Angelo Pires do Prado, do Instituto de Biologia (IB), é praticamente impossível eliminar os ácaros do ambiente doméstico. Como encontram condições favoráveis para estabelecer seus ninhos na área ur-

bana, os acarídeos se multiplicam muito rapidamente. Cada animal vive, em média, 100 dias. Em 20 dias, já se tornam adultos. Durante a sua vida, uma fêmea põe até 200 ovos. “É ácaro que não acaba mais”, constata Oliveira.

A saída, conforme os pesquisadores, é tentar controlar a população desses bichinhos, fazendo com que ela fique abaixo da concentração capaz de causar alergia ou mesmo crise. Algumas medidas trazem bons resultados. Virar o colchão a cada 15 dias e envolvê-lo com uma capa emborrachada internamente, fechada por zíper, são duas delas. Também é recomendável não usar tapetes e cortinas. No lugar das cortinas é preferível optar por persianas plásticas. Manter a casa sempre arejada e iluminada é indispensável para combater os ácaros. “Além disso, é preci-



A bióloga Raquel Binotti e o médico Celso Henrique de Oliveira: é recomendável a adoção de práticas higiênicas

so que as pessoas mantenham os alimentos bem fechados nas despensas e evitem fazer refeições na cama ou no sofá”, aconselha o médico.

Oliveira e Raquel estão se dedicando, agora, à criação de ácaros. O objetivo é aprender um pouco mais sobre os hábitos e comportamentos dos bichinhos, para futuramente produzir vacinas contra as alergias geradas por eles. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que pelo menos um quarto da população mundial sofre de algum tipo de alergia. Entre 15 e 20% desse universo apresenta pelo menos uma vez o quadro de crise asmática. Alguns estudos apontam, ainda, que 10% das pessoas têm reações alérgicas provocadas por ácaros. Numa cidade como Campinas, isso representa 100 mil habitantes.

## Tese investiga polêmica sobre supressão da menstruação

A polêmica criada em torno do uso de contraceptivos hormonais com o objetivo de suprimir a menstruação é o tema da dissertação de mestrado da antropóloga Daniela Tonelli Manica, defendida recentemente junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. No trabalho, a autora procurou analisar a maneira como ginecologistas e laboratórios farmacêuticos tratam a questão. Conforme Daniela, os argumentos contrários e favoráveis ao método normalmente baseiam-se nos conceitos de natureza e cultura, o que, na sua opinião, não são suficientes para explicar a relação da mulher com seu próprio corpo e com as inovações proporcionadas por uma sociedade cada vez mais tecnológica.

De acordo com Daniela, a supressão da menstruação já era possível desde o advento da pílula, nos anos 1960. Em virtude da polêmica gerada na oportunidade, porém, os laboratórios decidiram “naturalizar” o medicamento para que ele fosse mais bem aceito, ou seja, fizeram com que não tivesse a função de estancar o sangramento. Quase

quatro décadas mais tarde, em 1999, contraceptivos hormonais com a proposta de livrar a mulher do que seria um incômodo mensal passaram a ser mais amplamente divulgados e comercializados. Daniela analisou os folhetos de divulgação desses novos contraceptivos, elaborados por laboratórios farmacêuticos.

Neles, conforme a antropóloga, textos e imagens associam a supressão da menstruação a mais uma das necessidades da mulher moderna. Personagens bem-sucedidas profissionalmente, ao lado de passaporte, telefone celular e *laptop*, apresentam os novos métodos como a solução de um problema. “Se considerássemos a dicotomia natureza x cultura, essa mulher estaria muito mais associada ao mundo da cultura”, explica Daniela. Uma parcela dos médicos tem, inclusive, se utilizado do conceito de cultura para explicar a ocorrência dos sangramentos mensais, argumentando que a menstruação não é um fenômeno natural. A mulher, defendem, nasceu para parir uma vez ao ano. Sendo assim, jamais sangraria mensalmente. Como dar à luz todo ano está fora de

cogitação, pois isso colide com uma série de exigências da vida moderna, as mulheres lançaram mão de métodos para controlar a reprodução, o que teria, segundo eles, resultado na menstruação.

“A supressão do sangramento obedece à lógica que coloca a natureza em uma posição hierárquica superior, pois ao evitar os sangramentos mensais, as mulheres estariam reproduzindo o estado de natureza [gravidez e amamentação contínuas]”, esclarece a autora da dissertação. A tese a favor da supressão da menstruação é reforçada por meio do apelo à saúde feminina. Além de não ser natural, afirma esse segmento, é uma potencial causadora de doenças. É o caso da endometriose, enfermidade que acomete o endométrio, mucosa que forra o interior da cavidade uterina. Já a corrente contrária a esse pensamento considera o sangramento mensal natural. E tudo o que é natural, sustentam seus defensores, é melhor ou “mais seguro” do que o artificial.

A antropóloga também acompa-



A antropóloga Daniela Tonelli Manica: conceitos de natureza e cultura são insuficientes

nhou as discussões travadas pelos especialistas no 49º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetria. Seu objetivo foi entender melhor a questão do mercado e da legitimidade científica. Entre a classe médica, diz, os debates restringem-se aos benefícios e riscos dos métodos contraceptivos, não avançando tanto nessa discussão natureza x cultura, embora fique claro que a narrativa científica em favor e contra a supressão da menstruação coincide com o surgimento dos novos contraceptivos hormonais no Brasil.

Daniela conclui a dissertação procurando mostrar que os conceitos de natureza e cultura não são suficientes para explicar o ser humano contemporâneo. “Nossa relação com a tecnologia é cotidiana e envolve uma série de situações, o que exige outras possibilidades conceituais. É preciso entender melhor, por exemplo, como produzimos e incorporamos essas inovações”, explica. A polarização entre cultura e natureza, sustenta, não tem, no caso estudado, somente a intenção de explicar fenômenos, mas também de convencer pessoas, seja a favor ou contra essas novas tecnologias. (M.A.F.)